

## EM NÚMEROS

### Cabo Delgado, Outubro 2017-Abril 2022

- Número total de ocorrências de violência organizada: 1,220
- Número total de fatalidades reportadas de violência organizada: 3,922
- Número total de fatalidades reportadas por violência organizada contra civis: 1,694

[Acesse os dados.](#)

## RESUMO DA SITUAÇÃO

A violência continuou no distrito de Nangade na semana passada, pois alegadamente os insurgentes teriam sequestrado 10 civis e decapitado um membro da milícia. A 14 de Abril, sete insurgentes foram vistos a deslocar-se pelas aldeias de Mbuide e Chibau, passando a menos de 5 km a sul da sede distrital, segundo uma fonte em Nangade. No dia seguinte, o corpo de um membro da milícia local foi descoberto em Chicuaia Velha, 8 km a oeste da aldeia de Chibau. A [Voz da América](#) (VOA) relatou que pelo menos 10 pessoas, incluindo mulheres e crianças, foram sequestradas pelo grupo na área de Chibau. Segundo a emissora, os insurgentes entraram em Chicuaia Velha após decapitarem um membro da milícia e seguiram para Chibau. Lá, os insurgentes saquearam vários produtos e cercaram um grupo de rapazes, raparigas e adultos, embora [de acordo com o jornal online Carta de Moçambique](#), os reféns já tenham sido libertados.

O que se pensa ser o mesmo grupo foi visto a 18 de Abril nas proximidades da vila de Muiha, perto da fronteira com a Tanzânia. Especula-se que estejam a procura de uma oportunidade para atravessar para a Tanzânia através do rio Rovuma, que atualmente está com a maré muito alta para travessia, ou esperando por reforços. Segundo uma fonte local, há sete deles, três dos quais armados.

A 19 de Abril, [Carta de Moçambique](#) relatou que um suposto colaborador da milícia local foi espancado por uma multidão de residentes na vila de Nangade e deixado com ferimentos graves. O suspeito teria sido encontrado a falar ao telefone com um insurgente que fazia parte da força que atacou a guarnição de Mandimba na semana passada, onde foram mortos cerca de três soldados. O homem está agora sob custódia das autoridades.

A actividade insurgente na costa de Cabo Delgado continua a frustrar as forças de segurança, enquanto os insurgentes, pelo menos em duas ocasiões, empregaram meios menos violentos do que o habitual. Na sexta-feira, 8 de Abril, os insurgentes chegaram à ilha de Quifuque, localizada entre Palma e Mocímboa da Praia.

Os insurgentes teriam chegado à ilha ao mesmo tempo que dois barcos carregados com vários bens de Palma, que os insurgentes insistiram em comprar. Foram então com os comerciantes para a zona de Nsangue, na costa do distrito de Mocímboa da Praia, e trocaram dinheiro por mercadorias, antes de permitirem o regresso dos comerciantes a Quifuque. No dia seguinte, pescadores de Palma foram perturbados em seu acampamento na praia perto de Nantemule por insurgentes que queriam comprar o que tinham. Com medo, os pescadores fugiram. Uma fonte relata que uma força de tropas moçambicanas e ruandesas foi em perseguição do grupo insurgente.

Embora não tenha havido até então qualquer vítima relatada, esses incidentes expuseram ainda mais a vulnerabilidade das comunidades costeiras à violência e coerção insurgentes, e indicam que os insurgentes ainda têm alguma liberdade de movimento. Não está claro se essas duas abordagens menos ameaçadoras sugerem que eles simplesmente se sentem mais livres para se envolver com as comunidades, ou simplesmente estão mais desesperados. Em qualquer dos casos, os insurgentes discutindo preços com pescadores é um forte contraste com a violência contínua em Nangade. De qualquer forma, as forças de segurança estão a prestar mais atenção às operações de contrainsurgência na costa.

Mais ao sul, a ilha de Matemo permanece sob recolher obrigatório desde uma grande incursão no mês passado. A partir de 11 de Abril, os barcos ainda não tinham permissão para sair da ilha e a pesca era quase totalmente proibida. Alguns barcos podem escapar clandestinamente, mas todos os acessos para Mucojo, no distrito de Macomia, no continente, estão bloqueados. Os moradores relatam que um grande número de tropas ruandesas patrulham as áreas ao redor de Chai, Quiterajo e Mucojo todos os dias nas últimas duas semanas. Na vila de Macomia, um recolher obrigatório noturno foi imposto aos moradores.

Entretanto, a Marinha Sul-Africana [confirmou](#) que, no âmbito da Missão da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) em Moçambique (SAMIM), enviou a fragata SAS Spioenkop para patrulhar as águas de Cabo Delgado. O SAS Spioenkop é apoiado por navios das forças armadas da Tanzânia e Moçambique, bem como por um helicóptero Oryx da Força Aérea Sul-Africana.

## FOCO SEMANAL: FORÇA DE DEFESA SUL-AFRICANA EXPANDE-SE NA EXTENSÃO DA SAMIM

Após um adiamento de última hora da Cimeira Extraordinária da Troika Orgânica da SADC, agendada para 4 de Abril, os líderes da Troika presidida pela África do Sul, representantes dos países que apoiam a SAMIM, e o Presidente moçambicano Nyusi reuniram-se virtualmente no dia 12 de Abril para discutir o progresso com a missão e endossar a sua extensão operacional. Curiosamente, o presidente cessante da Troika, Botswana, não esteve presente. Não foi dada qualquer explicação.

O [comunicado da cimeira](#) confirmou, como era esperado, que a SAMIM iria transitar de uma “capacidade de desdobramento rápido” (referida como “Cenário 6”) para uma “força multidimensional” (“Cenário 5”). Isso prevê um desdobramento ampliado que assumiria maiores responsabilidades de manutenção da paz à medida que os deslocados internos retornassem e o governo restabelecesse os serviços essenciais e os pilares do Estado. Não há um calendário para o regresso dos deslocados e essa mudança para o Cenário 5 é susceptível de se desenvolver lentamente nos próximos meses. A atual extensão, embora não prevista no comunicado, é de três meses.

O comunicado permaneceu em silêncio sobre os desenvolvimentos em torno de um possível financiamento externo para a missão, em vez disso, instando os Estados membros a manter suas contribuições. A África do Sul continua a suportar a maior parte desse orçamento e não é claro por quanto tempo é que a África do Sul e outros países podem continuar a suportar essa carga financeira. Dado que a insegurança contínua e

as condições atuais no terreno tornam improvável um regresso dos deslocados, a presença da SAMIM será necessária no futuro próximo.

No dia seguinte, 13 de Abril, o comandante-chefe da Força de Defesa Nacional da África do Sul (SANDF), tenente-general Rudzani Maphwanya, realizou uma [conferência de imprensa](#) em Pretória centrada no destacamento da SANDF em Moçambique, com o nome de código Operação Vikela. Maphwanya, que foi nomeado para liderar a SANDF em Junho de 2021, apenas algumas semanas antes do destacamento inicial, deu um tom positivo sobre a importância das relações com a mídia. Em comparação com os homólogos ruandeses, SAMIM teve uma relação irregular com a mídia, emitindo esporadicamente declarações à imprensa, mas geralmente mantendo a mídia à distância. Como tal, a conferência de imprensa da SANDF - a primeira desde o início da SAMIM - foi um desenvolvimento bem-vindo.

Maphwanya apresentou um quadro positivo da intervenção da SAMIM, que conta agora com oito países contribuintes de tropas (Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Lesoto, Malawi, África do Sul, Tanzânia e Zâmbia). Nenhuma menção foi feita à contribuição real ou prospectiva do Zimbábue. Ele listou uma série de marcos genéricos, como recapturar aldeias, desalojar insurgentes, apreender materiais de guerra e facilitar o reassentamento de deslocados, resultando em SAMIM trazer “relativa estabilidade e segurança”. Deu particular atenção à “Operação Buffalo”, uma missão combinada focada no distrito de Macomia envolvendo forças SAMIM, ruandesas e moçambicanas que foi realizada entre Outubro de 2021 e Janeiro de 2022. Maphwanya confirmou que várias bases insurgentes foram destruídas na operação, com 31 insurgentes mortos e 26 raptados libertados durante este período. Fez uma lista dos materiais capturados, incluindo armas, veículos e outros materiais, e insistiu que a SAMIM continuava a degradar as capacidades dos insurgentes.

O chefe da SANDF enfatizou a importância de conquistar os corações e mentes da população local, que as forças da SAMIM conduziram alguma assistência humanitária limitada e que em algumas áreas as pessoas voltaram para casa com sucesso. Ele não se basearia em alegações persistentes de respostas atrasadas de algumas forças da SAMIM a ataques insurgentes nos distritos de Macomia e Nangade.

O Chefe de Operações Conjuntas, major-general Siphiwe Sangweni, descreveu a mudança de mandato do Cenário 6 para o que chamou de “Cenário 5 com mandato robusto”, ou a retenção da capacidade ofensiva. Observou que isso inclui um papel tradicional de manutenção da paz, mas também várias atividades civis relacionadas ao policiamento, desenvolvimento humanitário, social e económico, entre outros. Isso não constitui uma desescalada, mas sim uma fase de transição, sublinhou. O General Maphwanya enfatizou a importância de uma governação adequada e que as autoridades moçambicanas devem concentrar-se na reconstrução das infra-estruturas, nos pilares do Estado e na reanimação dos serviços para garantir uma paz duradoura.

Sobre os números, Sangweni disse que a componente SANDF aumentaria em relação aos atuais mais de 500 efectivos no local, mas não disse qual seria o tamanho do destacamento. A autorização atual permite até 1.495 efectivos. Especialistas em defesa sul-africanos estimam que cerca de 1.200 serão eventualmente destacados nesta fase, com uma componente central de 2 Batalhão de Infantaria Sul-Africano (2 SAI). Juntamente com outras unidades da SANDF, formarão o “Combat Team Alpha”, reunido especificamente para a Operação Vikela em Moçambique. Isso fornece uma série de competências, incluindo uma unidade de suporte médico, evacuação aeromédica e uma equipe de Dispositivos Explosivos Improvisados.

Curiosamente, o general Maphwanya negou que houvesse financiamento direto da atividade “terrorista” em Moçambique vindo da África do Sul. Isso parece contradizer as recentes designações dos EUA de indivíduos na África do Sul que supostamente estão envolvidos em tal financiamento. Também levanta questões sobre o que realmente se sabe na África do Sul sobre essas ligações financeiras. Um relatório recente da [“Avaliação do Risco de Financiamento do Terrorismo Nacional”](#) da África do Sul sugere que a África do Sul se tornou cada

vez mais vulnerável ao financiamento do “terrorismo” e deve aumentar urgentemente sua capacidade de contraterrorismo nessa arena. A Avaliação Nacional de Risco de Moçambique, discutida na próxima seção, também identificou a África do Sul como uma fonte potencial de financiamento “terrorista” para Moçambique.

Maphwanya não se interessaria por questões operacionais, evitando perguntas, por exemplo, sobre o impacto dos recursos aéreos limitados da SAMIM e se helicópteros de ataque sul-africanos seriam destacados. Não forneceu detalhes sobre o acesso das forças às imagens de satélite, mas confirmou que havia algum nível de vigilância por drones e telefones celulares em ação. Respondendo a perguntas sobre as actuais restrições de financiamento à SANDF, salientou que o governo e o presidente estavam cientes disso e que a SANDF continuava a fazer lobby por recursos adicionais, mas tinha de prestar um serviço com os recursos à sua disposição.

Apesar dos sucessos da SAMIM até agora, Maphwanya disse que é difícil dizer até que ponto a capacidade insurgente foi degradada. Notando que as operações tinham evidentemente perturbado a liderança, alguns dos quais foram mortos, ele disse que não é claro onde estava a maior parte dos insurgentes neste momento.

Positivamente, mencionou o Centro de Fusão de Inteligência que foi criado pela SAMIM, juntamente com as forças moçambicanas e ruandesas. O centro é responsável pelo processamento de insurgentes capturados e libertados do cativeiro, bem como pelo processamento de inteligência recuperada de dispositivos eletrônicos ou cópias impressas. A necessidade de uma melhor coordenação entre Moçambique, forças intervenientes e outros interesses a todos os níveis foi identificada num [relatório](#) do think tank sul-africano, o Instituto de Estudos de Segurança.

## RESPOSTA DO GOVERNO

O ministro das Obras Públicas, Habitação e Recursos Hídricos de Moçambique, Carlos Mesquita, visitou na semana passada Marocane, um dos maiores centros de reassentamento de deslocados pelo conflito no norte de Moçambique. O centro abriga pelo menos 5.000 pessoas, de um total de 950 famílias, muitas das quais fugiram do último ataque à vila de Palma em Março de 2021. O centro de Marocane está localizado em Nanjua, distrito de Ancuabe, a cerca de 150 km da capital de Cabo Delgado, Pemba. Durante a sua visita, o ministro [elogiou](#) as condições do local e disse que se trata de um campo de deslocados modelo que deve ser replicado em todo o país. Segundo o ministro, o centro de Marocane possui as instalações necessárias para proporcionar uma vida normal aos deslocados, incluindo hospital, escola e outros serviços sociais.

O governo tem feito esforços para fazer de Marocane uma referência na gestão dos deslocados. Em Janeiro deste ano, a Agência de Desenvolvimento Integrado do Norte (ADIN), em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), [forneceu](#) 5.000 chapas de zinco para cerca de 125.000 famílias. As chapas permitirão aos deslocados cobrir suas casas. As autoridades [aconselharam](#) os deslocados a construir as suas próprias casas feitas de estacas de bambu e prometeram que o governo os ajudaria com o material de cobertura.

Ainda não está claro se o plano do governo é manter os deslocados permanentemente em Marocane, mas os esforços até agora sugerem que sim. Mas apesar dos elogios do Ministro Mesquita, vários relatórios sugerem que o Marocane [enfrenta problemas](#) semelhantes aos de outros centros de deslocados em Cabo Delgado e Nampula. Uma reclamação é que só há chapas de zinco suficientes para cerca de 4% das famílias deslocadas, e muitas famílias continuam vivendo em condições precárias. Algumas famílias reclamam das longas distâncias que são obrigadas a percorrer para obter o bambu usado na construção das casas. Alguns deles, principalmente mulheres e idosos, não conseguem cortar e transportar o material. As pessoas que não são capazes de construir suas próprias casas são forçadas a vender ajuda alimentar para pagar trabalhadores para construir suas casas. A distribuição irregular de ajuda alimentar, quantidades insuficientes de alimentos, bem como o desvio de doações, são outros problemas enfrentados pelos deslocados em Marocane. Embora haja

um posto de saúde para atender os deslocados, há [queixas](#) de falta de medicamentos, falta de capacidade para internação ou parto no local.

No distrito de Chiure, a sul de Cabo Delgado, a Cáritas Diocesana de Pemba, [entregou 931](#) casas a deslocados internos que vivem em Meculane, posto administrativo de Katapua. Da mesma forma, a Diocese de Pemba [entregou](#) 570 casas no centro de reassentamento de Chimoio no posto administrativo de Mirate, distrito de Montepuez. A entrega das casas ocorreu em Abril e foi liderada pelo bispo da diocese de Pemba, António Juliasse. As casas de um quarto foram construídas com material local durante um período de 13 meses como parte do projeto “Proteger e Reconstruir Chiure”, financiado pela USAID.

Os compromissos internacionais viram garantias formais sobre o futuro da intervenção da SADC. O Presidente moçambicano, Filipe Nyusi, fez uma visita de três dias a Gaborone, Botswana, no dia 13 de Abril. Durante a sua visita, [agradeceu](#) ao seu anfitrião, o Presidente Mokgweetsi Masisi, pelo seu apoio aos esforços de contra-insurgência em Cabo Delgado. Nyusi disse que o Botswana, com cerca de 300 militares em Cabo Delgado, tem sido um contribuinte chave no campo de batalha, e que o seu envolvimento na missão da SADC tem contribuído para o regresso da paz e estabilidade nas zonas afectadas pelo conflito. Por seu lado, Mokgweetsi disse que a paz, segurança e estabilidade na região são as prioridades do seu país, e que o Botswana continuará a apoiar a intervenção da SADC.

A Tanzânia também [reafirmou](#) o seu compromisso com a estabilidade na região, e em Moçambique em particular, na luta contra o “terrorismo”. As garantias foram dadas por Phaustine Kasike, Alto Comissária da Tanzânia em Moçambique, falando em um evento que assinalou o 100º aniversário do nascimento de Julius Nyerere. Ele afirmou que este compromisso se traduz no seu contributo para as forças da SADC, e reafirmou que a Tanzânia vai apoiar Moçambique na luta contra o “terrorismo” até que o problema seja resolvido.

Dois relatórios que analisam a insurgência em Moçambique de perspectivas bastante diferentes foram publicados nas últimas semanas. A primeira é uma [Avaliação Nacional de Risco \(ARN\)](#) de branqueamento de capitais e risco de financiamento “terrorista” em Moçambique. Divulgado a 31 de Março, foi conduzido pelo Gabinete de Informação Financeira de Moçambique. Este é o primeiro relatório da ARN de Moçambique, com conclusões interessantes para compreender como o governo moçambicano encara e interpreta o financiamento do “terrorismo” em Cabo Delgado, e como este se entrelaça com a dinâmica interna e externa do país.

Por um lado, reconhece a crescente ameaça de financiamento “terrorista” doméstico/nacional de fontes internas, afirmando que atividades ilícitas como caça furtiva, tráfico de drogas, sequestros, entre outras, constituem as principais fontes de financiamento interno. Essas fontes, segundo o documento, são usadas para financiar o “terrorismo” dentro e fora do país. Por outro lado, o documento defende que a instabilidade na África Oriental e no Corno de África, bem como a porosidade das fronteiras moçambicanas, representam um risco de financiamento “terrorista” para Moçambique. O relatório cita a Tanzânia, Quênia, Somália, Uganda e República Democrática do Congo a esse respeito. Moçambique é avaliado como apresentando tal risco apenas para a África do Sul e Tanzânia. Deve-se notar que [o recente trabalho](#) da Iniciativa Global Contra o Crime Transnacional e Organizado que sugere a insurgência em Cabo Delgado realmente afectou o comércio ilícito no norte de Moçambique, em vez de ser uma fonte de financiamento para o país.

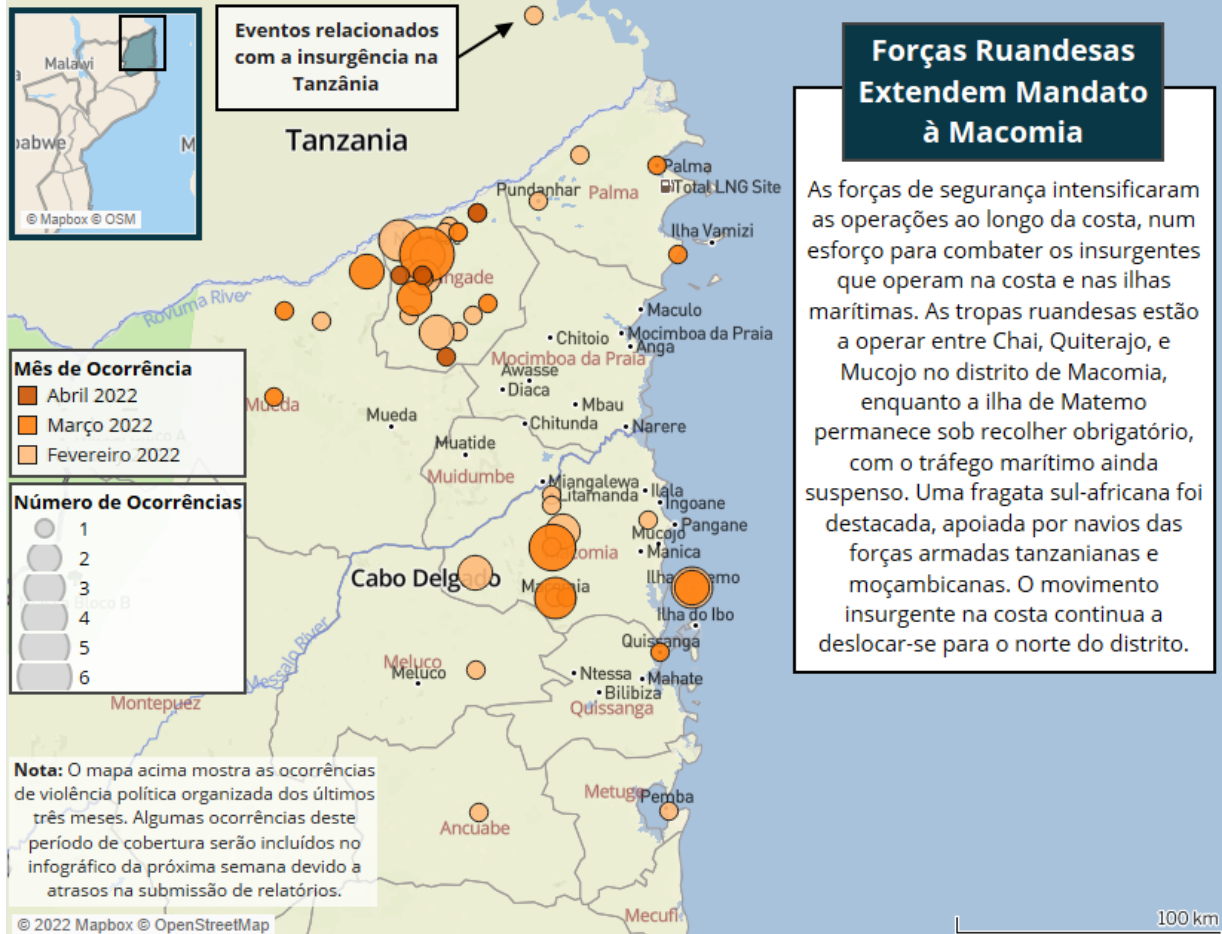
A primeira ARN de Moçambique é necessariamente uma abordagem geral. A realização de futuras avaliações setoriais e temáticas pode ajudar a desenvolver conhecimentos no setor para enfrentar riscos muito reais. O processo também ajudará a permitir o apoio contínuo dos doadores.

O segundo relatório é o [relatório](#) do Departamento de Estado dos EUA de 2021 sobre os direitos humanos em Moçambique, lançado em Washington DC em 12 de Abril. O relatório destaca a situação humanitária e de segurança em Cabo Delgado, assinalando as violações dos direitos humanos tanto por parte das forças do

Estado como dos insurgentes, mas também menciona uma redução das ações insurgentes na sequência da intervenção das forças ruandesas e da SADC. O relatório dá destaque aos abusos cometidos pelos insurgentes, incluindo decapitação, sequestro, deslocamento forçado e uso de crianças-soldados. Afirma também que o ataque à vila de Palma em Março de 2021 esteve por trás de um aumento significativo de pessoas deslocadas, contribuindo significativamente para a crise humanitária. Por parte do Estado, relata o envolvimento de diferentes ramos das Forças de Defesa e Segurança em prisões e detenções arbitrárias e assassinatos ilegais, ao mesmo tempo em que observa a percepção das pessoas de que a presença de tropas ruandesas reduziu esses abusos.

O relatório também destaca as pressões sobre os meios de comunicação sobre o conflito, incluindo a prisão arbitrária de jornalistas, uma questão destacada no [relatório mensal da Cabo Ligado de Março](#). Em termos de vítimas mortais, o relatório refere que o número médio de mortes causadas por insurgentes em Cabo Delgado caiu para metade entre 2020 e 2021, passando de 60 para 30 mortes por mês.

# Resenha Semanal Ligado #94



## Em Números: Cabo Delgado (1 Outubro 2017 - 15 Abril 2022)

Número total de ocorrências de violência organizada: **1,220**

Número total de fatalidades reportadas de violência organizada: **3,922**

Número total de fatalidades reportadas por violência organizada contra civis: **1,694**

\*Os números mostrados aqui e no gráfico de linhas abaixo são apenas para a província de Cabo Delgado. Ver relatório completo e website do ACLED para mais informações sobre terminologia.

